

Seixal

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

2.ª série #26 Nov. 2023
anual

dossiê

MUSEALIZAR E EXPOR SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

**A via romana de
Alqueidão da Serra: conservação,
restauro e valorização**

**O industrial João Burnay e a
colecção de azulejos da Quinta
da Trindade no Seixal**

**Ilustradores, caricaturistas
e a defesa do Património**

Preço: 10 €

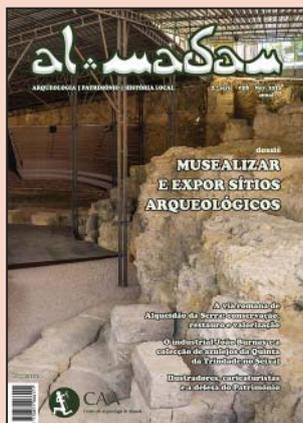


9 770871 066 171



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

**Capa** | Jorge Raposo

Na foto, sítio arqueológico do teatro romano de Lisboa aquando da reabertura ao público, em Setembro de 2015, enquanto Museu de Lisboa - Teatro Romano.

Foto | © José Frade, EGEAC - Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural, E.M., S.A.



2.ª Série, N.º 26, Novembro 2023

Proprietário e editor |

Centro de Arqueologia de Almada
Apartado 603 EC Pragal
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede do editor e da redacção |

Travessa Luís Teotónio Pereira,
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.caa.org.pt

Publicidade e Distribuição |

Centro de Arqueologia de Almada

Registo de imprensa | 108998

ISSN | 0871-066X

Depósito legal | 92457/95

Estatuto editorial |

www.almadan.publ.pt

Impressão | Jorge Fernandes Ld.ª

Rua Qt.ª do Conde de Mascarenhas, 9
2820-652 Charneca de Caparica

Tiragem | 300 exemplares

Periodicidade | Anual

Apoios | Associação dos Arqueólogos Portugueses / Câmara Municipal de Almada / Arqueohoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª / Dryas - Octopétala, Ld.ª / Câmara Municipal de Oeiras / Neoépica, Ld.ª

Fiel ao modelo editorial que dedica as páginas centrais à abordagem detalhada de determinada temática, esta *Al-Madan* dá particular atenção aos pressupostos, metodologias e experiências de interpretação e musealização de sítios arqueológicos, numa colaboração com o Museu de Lisboa - Teatro Romano que surge na continuidade do ciclo de palestras aí realizado no primeiro semestre de 2023, com o título *Desafios de Expor o Passado: sobre a musealização de sítios arqueológicos*.

Um volumoso dossiê reúne quase todas as participações no programa de um ciclo muito rico e diversificado, pela natureza, tipologia e cronologia dos sítios envolvidos, às quais ainda acrescenta outros contributos de especialistas em diferentes disciplinas que não integraram o referido ciclo nem se confinam ao território nacional.

Após um balanço das sessões realizadas no Teatro Romano, várias experiências concretas sustentam uma reflexão sobre o papel do arquitecto e da sua relação com o arqueólogo, depois ampliada e complexificada à luz das intervenções de interpretação, conservação e valorização de sítios como as termas romanas de São Pedro do Sul e de Chaves, ou os banhos islâmicos e a Casa Senhorial dos Barreto, em Loulé. Num plano mais lato, discute-se o papel da valorização e fruição patrimonial em contextos como a cidade romana de *Conimbriga*, o núcleo urbano e a região envolvente de Mértola, ou o centro histórico de Cartagena (Múrcia, Espanha), nomeadamente através do Parque Arqueológico del Molinete. O processo de reconversão para uso cultural da fábrica de moagem da antiga Manutenção Militar de Lisboa não deixa esquecido o Património industrial, tal como a experiência de gestão de sítios arqueológicos nos mares dos Açores alarga ao Património náutico e subaquático a abrangência temática deste dossiê.

Mas fora dele também se encontrarão motivos de interesse.

Para além de crónicas de Paleontologia e geodiversidade, Arqueologia clássica e Arquitectura e Património, podem ser lidos artigos de opinião e textos que divulgam trabalhos arqueológicos e de conservação ou promovem estudos e acções de defesa do Património arquitectónico, a par de mais um contributo para a História da Arqueologia portuguesa. Há ainda espaço para noticiário arqueológico, novidades editoriais, comentário a encontros científicos recentes e agenda sintética dos já programados para o curto e médio prazo. Enfim, como sempre, votos de boa leitura!

Jorge Raposo, 15 de Outubro de 2023

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Conselho científico | Amílcar Guerra,
António Nabais, Luís Raposo, Carlos
Marques da Silva e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Centro de Arqueologia de
Almada (sede)

Resumos | Autores e Jorge Raposo
(português), Luísa Pinho (inglês) e
Maria Isabel dos Santos (francês)

**Modelo gráfico, tratamento de imagem
e paginação electrónica** | Jorge Raposo

Revisão | Autores e
Fernanda Lourenço (CAA)

Colunistas | Amílcar Guerra, Luís
Raposo, António Manuel S. P. Silva,
Carlos Marques da Silva e Victor Mestre

Colaboram neste número |
Pedro Alarcão, Rui Roberto de Almeida,
Carlos Boavida, Guilherme Cardoso,
João Luís Cardoso, Sérgio Carneiro,
Tânia Manuel Casimiro, Vítor Dias,
Ana Duarte, José d'Encarnação,
Lídia Fernandes, Deolinda Folgado,
Ramiro A. Gonçalves, Amílcar Guerra,
Virgílio Lopes, António Celso Mangucci,
João Marques, Teresa Marques,
Victor Mestre, José Luís Neto,
José Miguel Nogueira Celdrán,
N'Zinga Oliveira, Susana Pacheco,

Dália Paulo, João Miguel Perpétuo,
Marcelo Mendes Pinto, Alexandra Pires,
Lígia Rafael, Paulo Oliveira Ramos,
Jorge Raposo, Luís Raposo,
Maria Pilar Reis, Joel Santos,
Carlos Marques da Silva, Alice Semedo,
João Luís Sequeira, Ana Rosa Sousa
e Gil Vilarinho

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

EDITORIAL...3 ▶

CURTAS...6 ▶

CRÓNICAS DE...

PALEONTOLOGIA E GEODIVERSIDADE |

Carlos Marques da Silva... 8 ▶

ARQUEOLOGIA CLÁSSICA | Amílcar Guerra... 12 ▶

ARQUITECTURA E PATRIMÓNIO | Victor Mestre... 16 ▶

OPINIÃO



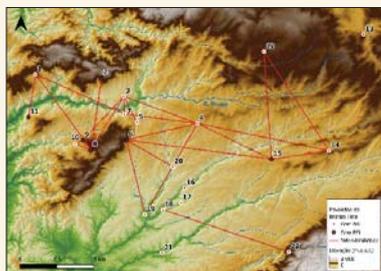
A Propósito do Novo Museu do Homem, em Paris: os impasses dos “museus científicos” de Etnologia e Pré-História | Luís Raposo... 18 ▶



Arqueologia Fora da Lei | Tânia Manuel Casimiro, João Luís Sequeira, Joel Santos e Susana Pacheco... 26 ▶

ARQUEOLOGIA

O Castro de Chão do Carvalho (Arões, Vale de Cambra): novos dados de uma ocupação do Bronze Final no vale do Vouga | Gil Vilarinho... 31 ▶



Avaliação Arqueológica Subaquática de Vestígios Encontrados na Baía do Cura (Ilha de Santa Maria, Açores) | N'Zinga Oliveira e José Luís Neto... 42 ▶

CONSERVAÇÃO

A Via Romana de Alqueidão da Serra (Porto de Mós): trabalhos de conservação, restauro e valorização | João Miguel Perpétuo... 49 ▶



HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA

Frederico de Vasconcelos Cabral: pioneiro da Geologia do Quaternário e da Pré-História portuguesas | João Luís Cardoso... 151 ▶



PATRIMÓNIO

O Industrial João Burnay e a Colecção de Azulejos da Quinta da Trindade no Seixal | António Celso Mangucci (com Ramiro A. Gonçalves)... 162 ▶



Ilustradores, Caricaturistas e a Defesa do Património | Paulo Oliveira Ramos... 174 ▶

MUSEALIZAR E EXPOR SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

90 páginas [61-150]

coordenação de
Lídia Fernandes e Jorge Raposo

*Conjunto de textos
sobre os desafios colocados
pela musealização e fruição
pública de sítios arqueológicos
de natureza muito diversa,
testemunhos de mais-valias
incontornáveis na oferta
patrimonial única e
irrepetível que cada lugar
tem para oferecer.*

Ciclo de Palestras “Desafios de Expor o Passado”:
sobre a musealização de sítios arqueológicos |

Lídia Fernandes... 62 ▶

Intervir na Ruína: o papel do arquitecto |

Pedro Alarcão... 71 ▶

61 Anos de Museu Monográfico de Conimbriga -
- Museu Nacional: um caso de estudo para a
museologia portuguesa | Vítor Dias... 83 ▶

Do Aquista ao Turista: reflexões sobre as termas
romanas de São Pedro do Sul... | Maria Pilar Reis,
Marcelo Mendes Pinto e Alice Semedo... 92 ▶

Visita às Termas Mediciniais Romanas de Chaves |

Sérgio Carneiro... 97 ▶

Da Arqueologia ao Museu: o caso de Mértola |

Lígia Rafael e Virgílio Lopes... 104 ▶

El Parque Arqueológico del Molinete (Cartagena,
Région de Murcia): un modelo de gestión del patrimonio
arqueológico | José Miguel Noguera Celdrán... 113 ▶

De Ruína a Lugar Musealizado: o percurso singular
dos Banhos Islâmicos e Casa Senhorial dos Barreto,
em Loulé | Alexandra Pires, Rui Roberto de Almeida,
Dália Paulo e Ana Rosa Sousa... 124 ▶

A Fábrica de Moagem da Antiga Manutenção Militar:
sua reconversão a uso cultural | Deolinda Folgado... 135 ▶

Musealizar Naufrágios: exemplos, problemas e
princípios | José Luís Neto... 144 ▶

NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

Actividades do Centro de Estudos Arqueológicos do
Concelho de Oeiras (CEACO) desenvolvidas em 2022 |
João Luís Cardoso... 183 ▶

LIVROS & REVISTAS

Os Diferentes Olhares Sobre a Obra de Arte |
José d'Encarnação... 187 ▶

Novidades editoriais... 188 ▶

EVENTOS

Encontro Sobre Arqueologias Contemporâneas:
“Parece que foi ontem” | Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso,
Carlos Boavida, João Marques e Teresa Marques... 190 ▶

Cidades Romanas em Tempo de Síntese |

José d'Encarnação... 191 ▶

Agenda de eventos... 193 ▶

RECORTES DE IMPRENSA... 194 ▶

Intervir na Ruína

o papel do arquitecto

Pedro Alarcão ¹

Sendo certo que a Arquitectura depende integralmente do triângulo constituído pela firmeza, utilidade e beleza, tal como definiu Vitruvius, e não pode passar sem nenhum destes seus vértices, é também certo, e sem qualquer margem para dúvidas, que o mais importante dos três é a beleza. No caso da Ruína, a beleza é ainda mais exacerbada, dado tratar-se precisamente de uma ruína, de uma arquitectura fragmentada, tendo naturalmente a sua firmeza muitíssimo comprometida, assim como a sua utilidade ou função. Mas temos que pensar, até mesmo os mais radicais defensores do estado original da ruína, que, no limite, a ruína tende a desaparecer, isto é, embora se possa ir tornando cada vez mais bela, à medida que o seu estado de conservação se vá tornando cada vez mais comprometido, em que a mesma se vai tornando cada vez mais próxima da natureza, há um momento em que desaparece por completo, e a sua beleza desaparece instantaneamente.

Assim, é preciso ir garantindo a sua firmeza para assegurar a sua preservação material, como repetidamente temos vindo a salientar ¹.

Quanto à sua utilidade ou função, há um primeiro estágio funcional a que a ruína pode satisfazer, que corresponde à resposta à fruição pública. Outro tipo de resposta funcional, de carácter mais excepcional, corresponde à reabilitação de alguns destes antigos edifícios de espectáculo, assim como teatros, anfiteatros ou circos, tal como expresso na *Carta de Verona* e na *Recomendação de Segesta*, que podem ser parcialmente reabilitados para uma nova função em época contemporânea ².

Entre estas duas possibilidades de recuperação funcional (a da fruição pública e a da reabilitação), interessa-nos igualmente um campo de investigação e projecto que se prende com procurar aumentar os níveis de inteligibilidade da ruína, um campo em aberto, transdisciplinar, em que arquitectos e arqueólogos trabalham em conjunto, a partir de cada área de saber, para interpretar a ruína e divulgar o fruto da sua investigação, seja em produção escrita e gráfica, seja em materialização *in situ*.

E aí, os arquitectos têm um importante papel a desempenhar, como temos procurado comprovar em

¹ Citam-se livremente extractos não identificados de comunicações e textos realizados pelo autor.

² Tema aprofundadamente abordado no Congresso Internacional "Edifícios de Espectáculo na Lusitânia Romana", ocorrido em Março de 2023, no Museu de Lisboa - Teatro Romano.

RESUMO

A presente comunicação apresenta um campo de investigação e prática de projecto que tem como objectivo aumentar os níveis de inteligibilidade da ruína, um campo de investigação transdisciplinar, em que arquitectos e arqueólogos trabalham em conjunto, a partir de cada área de saber, para interpretar a ruína e divulgar o fruto da sua investigação, quer em produção escrita e gráfica, quer em reconstituições parciais materializadas *in situ*.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitectura; Património; Musealização de sítios.

ABSTRACT

This paper presents a project research and practice area which aims to contribute to a better understanding of ruins. This cross-disciplinary research field where architects and archaeologists put their specific knowledge at the service of a common goal: to interpret ruins and disseminate the results of their research both in writing and graphics and in partial *in situ* reconstitutions.

KEY WORDS: Architecture; Heritage; Site Musealisation.

RÉSUMÉ

La présente communication traite d'un champ de recherche et pratique de projet ayant pour objectif d'augmenter les niveaux d'intelligibilité de la ruine, un champ de recherche transdisciplinaire, dans lequel les architectes et les archéologues travaillent de concert, à partir de chaque domaine de savoir, pour interpréter la ruine et divulguer le fruit de leur recherche, tant dans une production écrite et graphique que dans des reconstitutions partielles matérialisées *in situ*.

MOTS CLÉS: Architecture; Patrimoine; Sites-Musées.

¹ Arquitecto, Doutorado em Arquitectura, Professor na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Co-Fundador do International Centre for Architectural Design and Archaeology (ICADA).

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

contexto pedagógico ³, de investigação ⁴, de extensão universitária ⁵ e de projecto.

Quanto às intervenções arquitectónicas, procuramos que as mesmas tornem a ruína mais inteligível, como referíamos, através de reconstituições conjecturais parciais que sejam tão reversíveis quanto possível, o que se garante com uma manta de geotêxtil entre as estruturas originais e as novas construções. Pensamos, assim, estas nossas intervenções como uma maquete à escala natural, que vemos como hipoteticamente úteis durante um determinado período de tempo, até porque a interpretação de um sítio arqueológico ou de um edifício está sempre em aberto, em função de novas escavações ou novas revisitas a relatórios de escavação já realizados; o que permitirá remover a referida intervenção, se for o caso, encontrando-se então os vestígios em muito melhor estado de conservação do que se estivessem sem qualquer tipo de protecção durante o período de tempo em que estiveram cobertos. Apresentamos seguidamente três exemplos de intervenção arquitectónica em contexto arqueológico: a Conservação e Valorização das Ruínas de Conimbriga; a Conservação, Valorização e Divulgação do Balneário Romano da Praia da Luz; bem como a Conservação e Valorização do Anfiteatro Romano de *Ammaia*.

RUÍNAS DE CONIMBRIGA

Em Conimbriga, a intervenção procurou responder a um programa e objectivos claros, de que salientamos: a preservação total dos vestígios escavados, o restauro mínimo e a fácil reversibilidade, a criação de meios de visita compatíveis com a preservação dos referidos vestígios e a adaptação dos novos espaços exteriores reconstituídos a funcionalidades diversas (Figs. 2 e 3). Neste caso em concreto, trabalhámos com interpretações já realizadas, o que não nos impediu de pensar em algumas possibilidades novas, perante dúvidas ou soluções que nos pareciam menos lógicas, ou arquitectonicamente mais incoerentes, de que é exemplo a solução antes proposta para o fórum augustano de Conimbriga, o que nos levou a avançar com uma nova proposta, ainda sujeita a confirmação por parte da Arqueologia (ALARCÃO, 2018b: vol. 1, pp. 26-29 e vol. 2, pp. 32-37).

No Fórum, procurámos criar condições para garantir a fruição pública em toda a extensão do monumento e, através dela, a sua melhor compreensão, dando a ver o bairro indígena que o fórum augustano preservou

e, por sua vez, esse mesmo o bairro indígena e os vestígios do templo augustano que o templo e o *temenos* do fórum flaviano soterraram; assim como a bateria de *tabernae* do fórum augustano e os vestígios da basílica e cúria cláudio-neronianas que este mesmo fórum soterrou – e que dos hipotéticos e frágeis vestígios de lojas do período augustano, supostamente, nada restou.

A cobertura do bairro indígena, realizada à cota do *temenos* do fórum flaviano é, assim, uma necessidade funcional, que responde a uma reconstituição parcial ⁶.

Num dos ângulos da praça, com o intuito de fornecer ao visitante um indicador da escala do monumento, decidiu-se levantar uma parte das estruturas desaparecidas (Fig. 1).

³ Assumimos a Regência da Unidade Curricular Optativa de 4.º e 5.º Ano, intitulada “Intervenção Arquitectónica em Contexto Arqueológico”, no Mestrado Integrado em Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (MIARQ-FAUP). De igual modo, somos Co-Regentes, com o Professor Nuno Valentim Lopes, da Unidade Curricular Metodologias de Projecto, no Curso de Estudos Avançados em Património Arquitectónico da mesma Faculdade (CEAPA-FAUP), Unidade que se

dedica no 1.º trimestre à Intervenção Arquitectónica em Contexto Arqueológico.

⁴ Investigador Integrado do Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (CEAU-FAUP), Grupo de Investigação Património da Arquitectura da Cidade e do Território, onde coordenamos a Linha de Investigação Atlas das Vias e Cidades Antigas de Portugal (PACT-AVCAP). Fundámos, em 2018, o International Centre for Architectural Design and

Archaeology (ICADA), formado pela Università degli Studi Roma Tre, pela FAUP e pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura da Universidad de Valladolid, com sede em Roma.

⁵ Tendo como ponto de partida a organização do Seminário Internacional “Arquitectura, Paisagem e Arqueologia Interpretar a Ruína. Contribuições entre campos disciplinares”, Porto, 16-18 Out. 2008 (ver DIAS e ALARCÃO, 2011).

⁶ Ver Fig. 2 (ponto 4 indicado na planta).

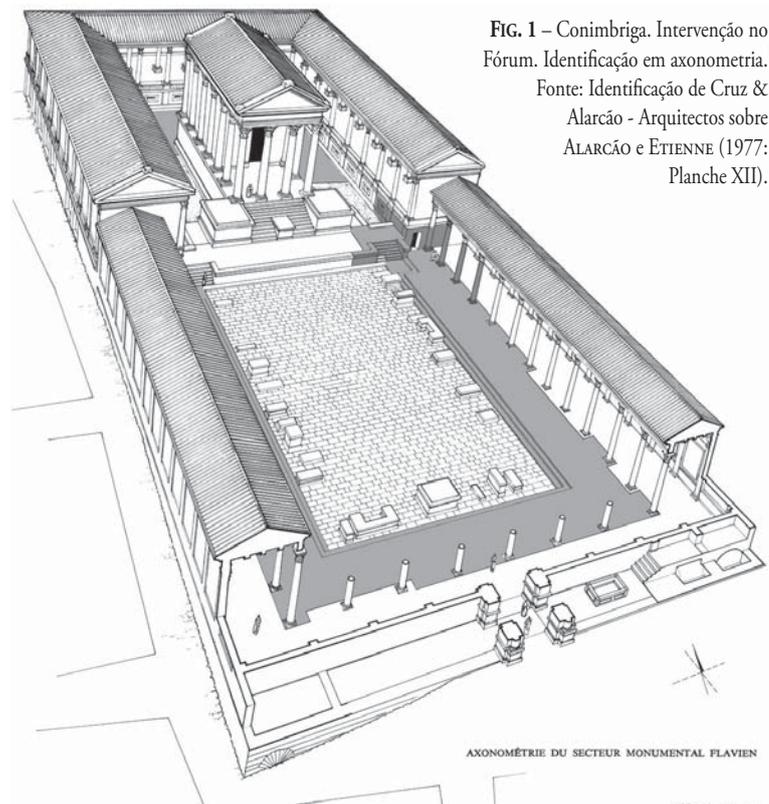
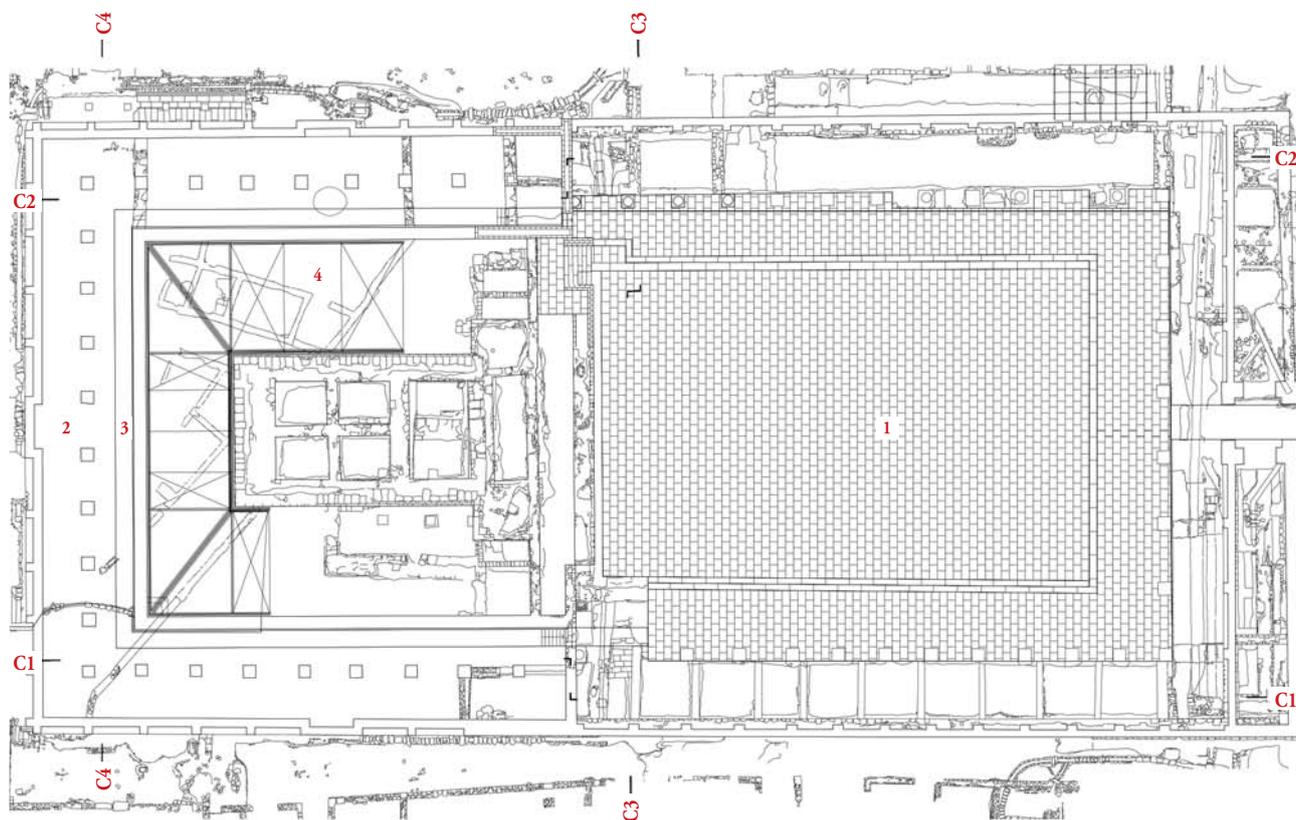
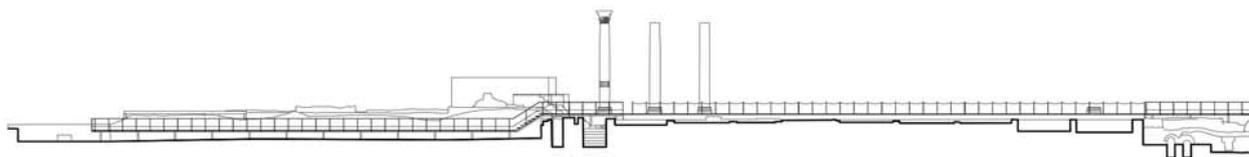


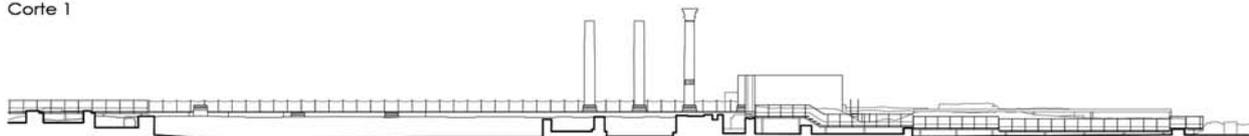
FIG. 1 – Conimbriga. Intervenção no Fórum. Identificação em axonometria. Fonte: Identificação de Cruz & Alarcão - Arquitectos sobre ALARCÃO e ETIENNE (1977: Planche XII).



Planta



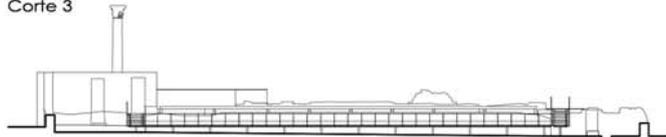
Corte 1



Corte 2



Corte 3



Corte 4



FIG. 2 – Conimbriga. Intervenção no Fórum.
Planta e cortes.

- | | |
|--------------|---------------------------------|
| 1. Praça | 2. Criptoportico |
| 3. Passarela | 4. Cobertura do bairro indígena |

As Termas a Sul do Fórum são uma verdadeira lição de arquitectura, sobretudo em termos de distribuição programática e espacial, que não cabe aqui desenvolver, por falta de espaço, mas não podemos deixar de relatar um episódio que nos deixou verdadeiramente impressionados. Aquando da nossa intervenção, e ao termos que implantar dois pequenos

contentores, um para um pequeno bar e outro para um sanitário⁷, que só funcionariam quando houvesse alguma actividade na palestra Sul, decidimos ocultar a sua presença por trás de um muro, muro esse que ajudou, por sua vez, a dar alguma escala ao espaço

⁷ Ver Fig. 3 (pontos 3 e 4, indicados na planta).

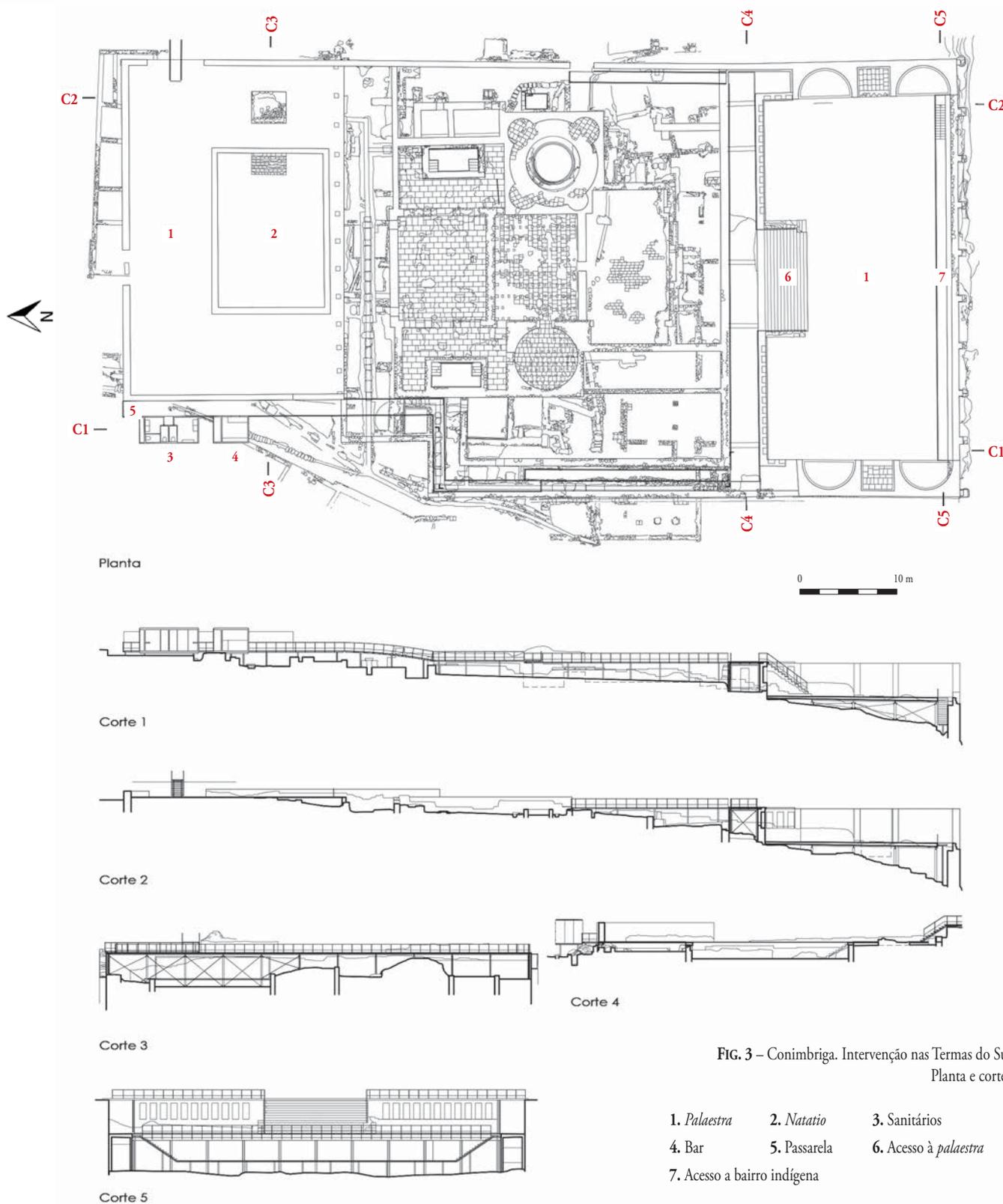


FIG. 3 – Conimbriga. Intervenção nas Termas do Sul. Planta e cortes.

- | | | |
|-----------------------------|--------------|-----------------------|
| 1. Palaestra | 2. Natatio | 3. Sanitários |
| 4. Bar | 5. Passarela | 6. Acesso à palaestra |
| 7. Acesso a bairro indígena | | |

exterior da palestra da *natatio*. E para responder ao desafio de resolver o problema técnico de escoamento dos esgotos, usámos a galeria romana ali existente, que seguia em direcção à muralha, para, já extramuros, ali instalar uma pequena ETAR e descarregar o fluxo desses mesmos esgotos, já tratados, no Rio de Mouros. Já só em fase final de obra nos apercebemos que o arquitecto das termas romanas de Conimbriga tinha

instalado as latrinas do complexo termal neste mesmo local, um pouco mais a Sul, e aproveitado esta mesma galeria para garantir a limpeza das referidas latrinas, com o excedente de água que vinha do aqueduto, fazendo-as descarregar no rio ⁸.

Também ele, dois mil anos antes de nós, tinha instalado as suas la-

⁸ ALARCÃO, 2018b: vol. 2, p. 75 (ponto 15 indicado na planta).

trinas longe das vistas e dos odores dos utentes das termas. É importante esta ideia de que, apesar das técnicas de construção terem evoluído significativamente, nós continuamos a pensar como os arquitectos romanos, que os problemas da arquitectura são, em grande parte, os mesmos.

No que diz respeito às Termas a Sul do Fórum, procurou-se então reconstituir parcialmente a escala da palestra da *natatio* e da palestra Sul, bem como criar um percurso em passarela entre estes dois espaços exteriores, percurso esse que retoma o antigo passeio porticado existente. Na palestra Sul, são criadas condições para preservar os vestígios das estruturas indígenas, igualmente soterradas em período romano, através de uma cobertura que repõe a cota do pavimento romano (ver Fig. 3 – cortes). Também nas termas do Sul, a reconstituição parcial é uma parte diminuta do que seria a totalidade da escala do conjunto edificado, realizada com uma linguagem arquitectónica reconhecível, e cuja informação é importante comunicar ao visitante (Figs. 4 e 5).

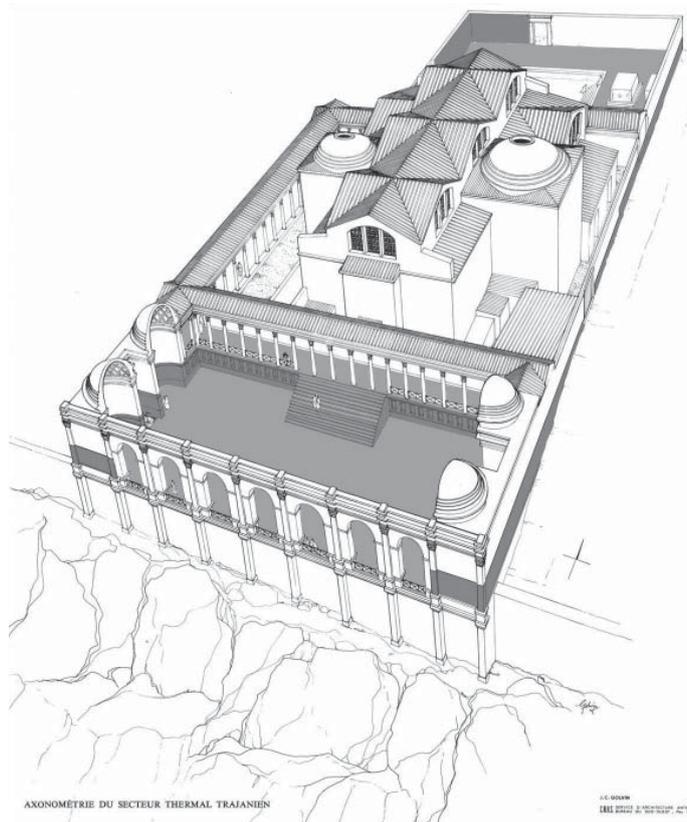


FIG. 4 – Conimbriga. Intervenção nas Termas do Sul. Identificação em axonometria. Fonte: Identificação de Cruz & Alarcão - Arquitectos sobre ALARCÃO e ETIENNE (1977: Planche XXVII).

Fonte: Pedro Alarcão - Arquitectos

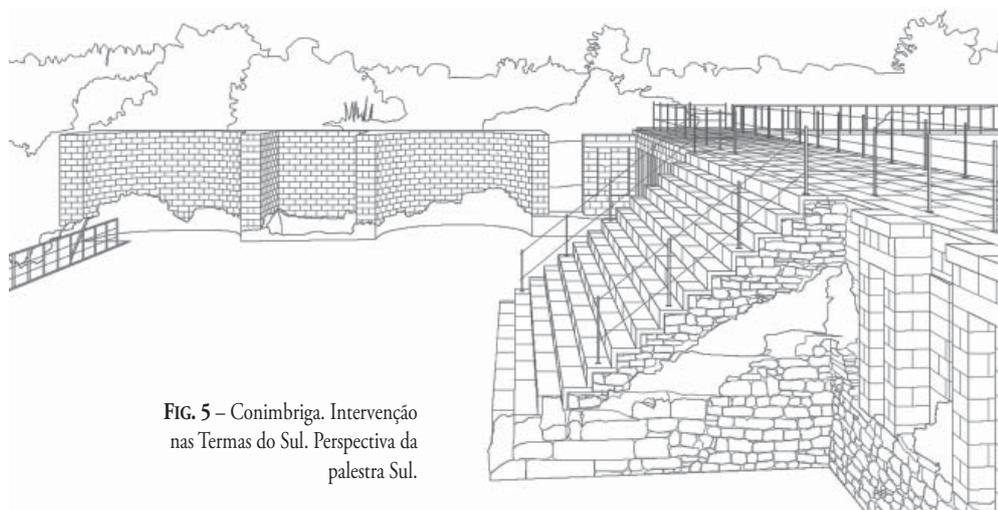


FIG. 5 – Conimbriga. Intervenção nas Termas do Sul. Perspectiva da palestra Sul.

BALNEÁRIO ROMANO DA PRAIA DA LUZ

O Balneário Romano da Praia da Luz, localizado na Vila da Luz, Lagos, foi escavado nos finais do século XIX por Estácio da Veiga, que registou os vestígios ali exumados com extremo rigor, sendo posteriormente aterrado, até que nos anos 80 do século XX foi novamente objecto de escavações pontuais, para que ali se construísse um empreendimento turístico.

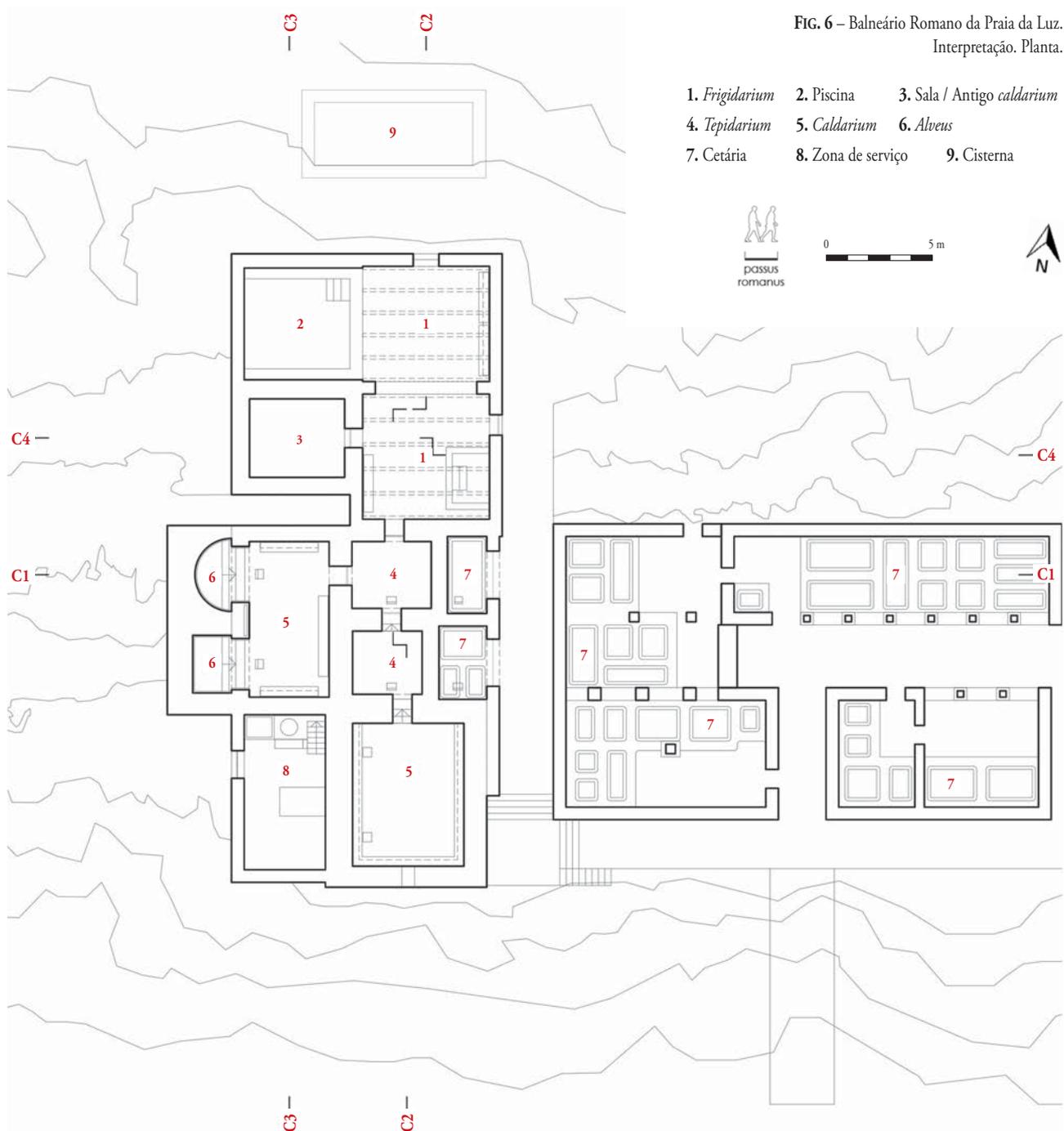
Construiu-se o empreendimento, não se tendo salvo as oficinas de salga que faziam parte do seu conjunto. O desafio era então como conseguir, dada a forte presença e a pouca qualidade da arquitectura

envolvente, preservar o direito de vistas dos proprietários dos imóveis e, simultaneamente, procurar anular a sua presença para quem visita a ruína, garantindo com eficácia o que, num brilhante artigo, Paulo Pereira denominou de experiência de “passagem”. Uma experiência em que se processa “uma ‘saída’ da ordem reconhecível das coisas – ou seja, da ordem quotidiana, comum e banal das coisas que nos rodeiam e que constituem o nosso quadro de vida –, e uma ‘entrada’ numa espécie de falha ou cesura temporal e espacial, por vezes inesperada e insólita, muitas vezes estranha” (PEREIRA, 2001: 6).

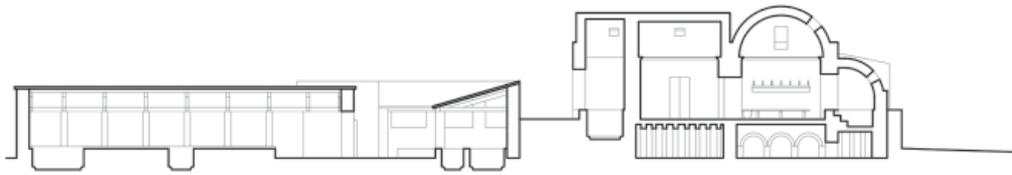
Mais uma vez, o trabalho transdisciplinar de interpretação das estruturas romanas existentes, desta vez realizado com a arqueóloga Pilar Reis, especialista em arquitectura termal da Lusitânia Romana, foi fundamental. Realizou-se uma proposta para a evolução das três fases de desenvolvimento do balneário romano, assim como uma reconstituição hipotética da última fase do edifício, a partir da documentação existente; de novas escavações pontuais; dos indícios espaciais, distributivos e construtivos dos vestígios conservados; apoiada nos modelos utilizados, percecio-

nados na vasta herança da arquitectura romana existente. A referida reconstituição do edifício foi traduzida em informação desenhada, na edição de um catálogo, num vídeo e numa maquete, elementos a expor no edifício de apoio ao visitante, com o intuito de divulgar a investigação realizada (Figs. 6 a 9).

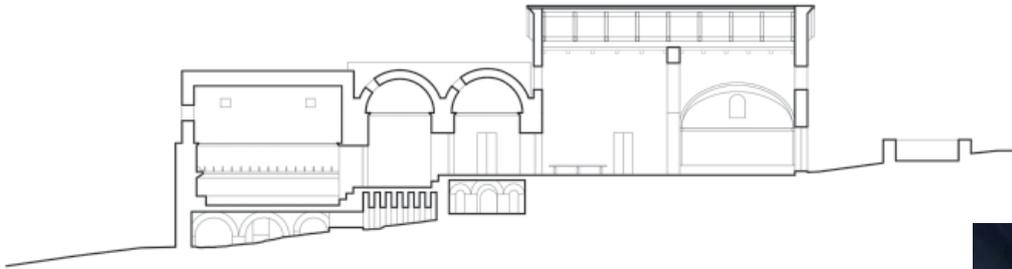
Quanto ao edifício de apoio ao visitante, que será de pequena dimensão e sem presença volumétrica no conjunto edificado, utilizámos o método de configuração espacial, tantas vezes utilizado pelos romanos, através



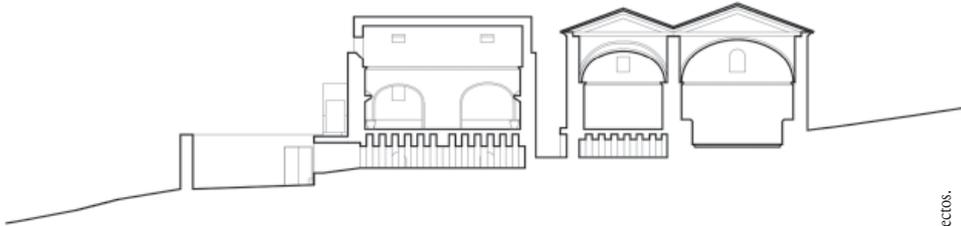
Fonte: Pedro Alarcão - Arquitectos.



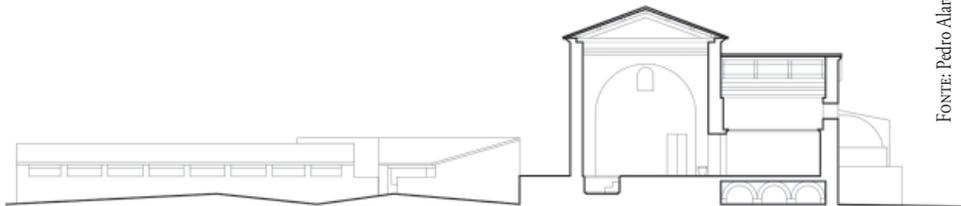
Corte 1



Corte 2



Corte 3



Corte 4

FIGS. 7 e 8 – Balneário Romano da Praia da Luz. Interpretação.

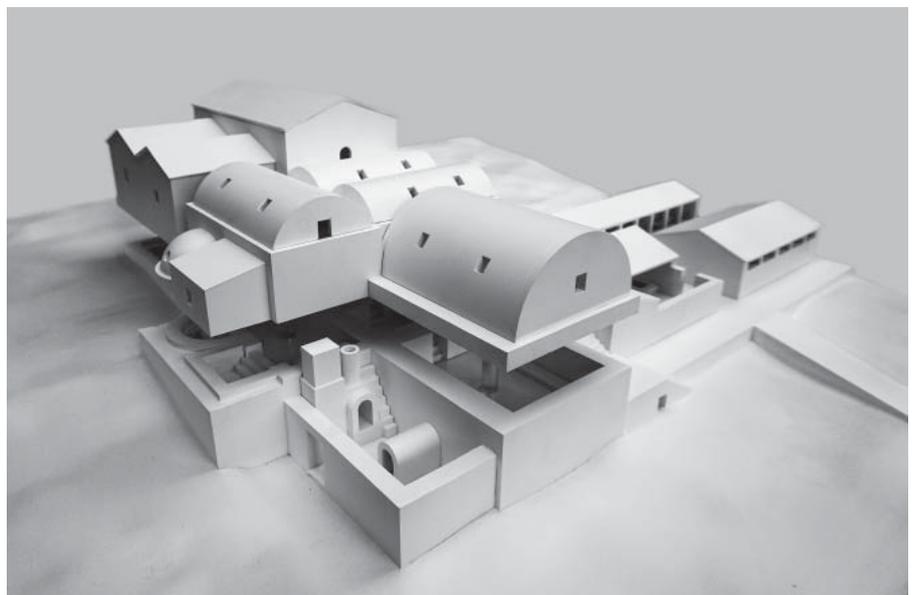
À esquerda, cortes;
Em baixo, Simulação 3D do *frigidarium*.



Fonte: Pedro Alarcão - Arquitectos.



FIG. 9 – Balneário Romano da Praia da Luz. Interpretação. Maqueta.



Fonte: Pedro Alarcão - Arquitectos.

da modulação em *passus romanus*, medida tornada óbvia através de uma junta, na materialização das suas superfícies interiores, em betão aparente, o que nos pareceu ser também um auxílio aos técnicos de apoio à visita e um contributo para o enriquecimento da narrativa do sítio, mostrando ao visitante como os romanos modulavam os seus espaços, ou também como podem tão bem relacionar-se arquitecturas de tempos tão distantes (Figs. 10 e 11)⁹.

O programa para a ruína contempla acções de conservação e consolidação, acções pontuais de reconstituição conjectural e um percurso de visita.

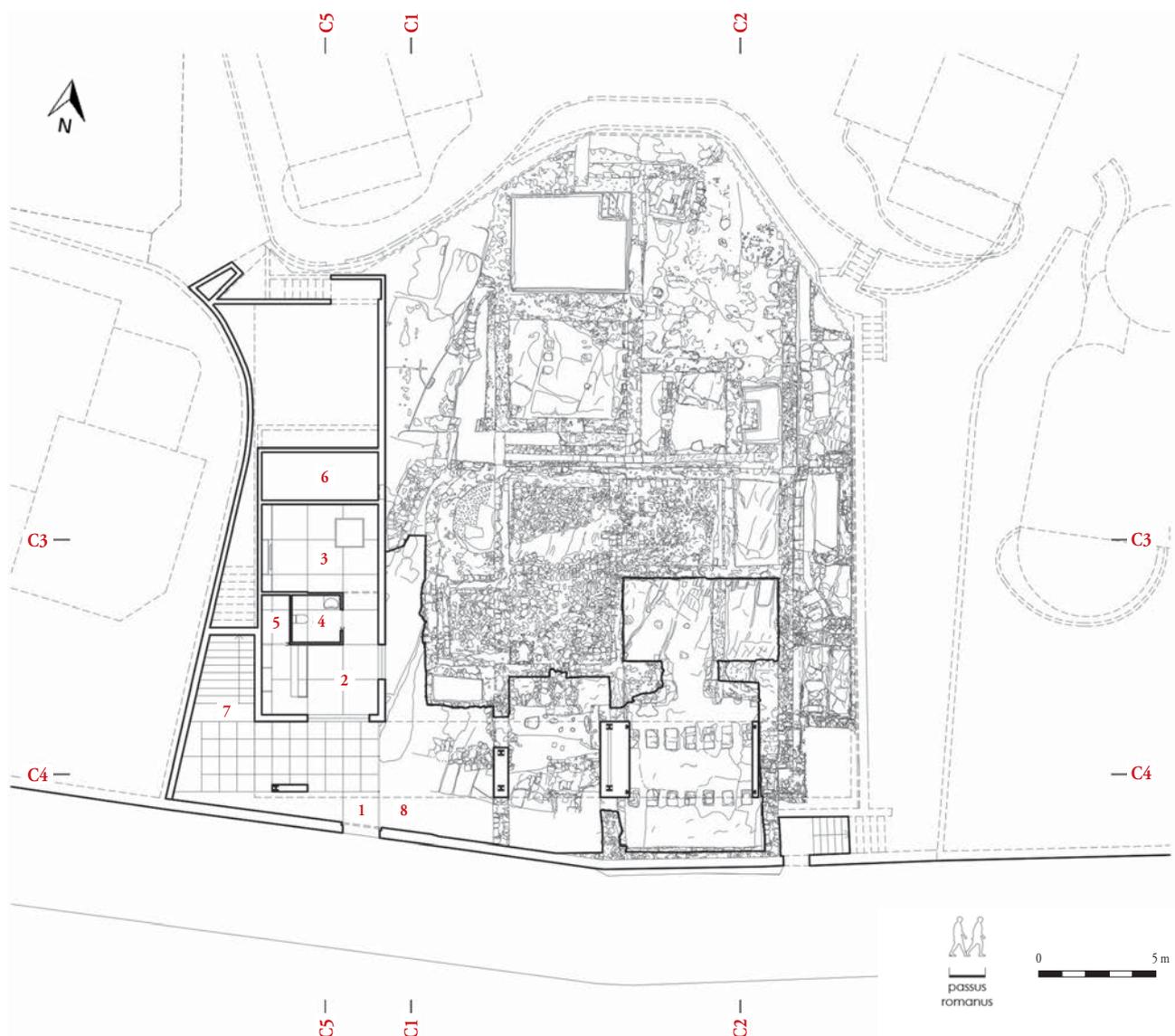
A opção adoptada para o percurso de visita, que se desenvolverá em “U” e ter-se-á que sobrepor parcialmente à ruína, é oportunidade para, sob um troço da passarela, promover uma reconstituição pontual do *caldarium* desaparecido e do seu sistema de funcionamento. Dada a importância

dos vestígios recentemente escavados, nomeadamente os arranques dos arcos do *hypocaustum* do *caldarium* principal que ainda se conservam, é evocado o referido sistema construtivo e de funcionamento, através de uma estrutura leve, suspensa da passarela superior. Esta nova estrutura volumétrica de reconstituição, realizada com sistema metálico e revestimento ligeiros, que não se apoia na ruína, evoca o *hypocaustum* da sala aquecida, com os seus arcos e pavimento de uso dos banhistas, bem como o sistema de parede interior dupla, que permitia igualmente

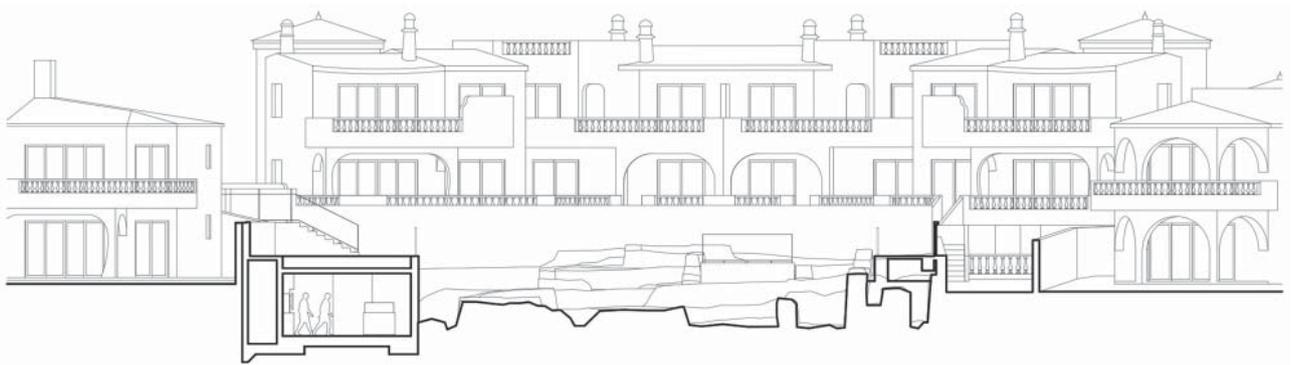
⁹ Ver Fig. 11 (corte 3, onde se identifica igualmente um baixo-relevo num módulo de parede, com indicação de um *passus romanus*) ou Figs. 10 e 11 (com indicação de um *passus romanus* na escala gráfica).

FIG. 10 – Balneário Romano da Praia da Luz. Intervenção. Planta.

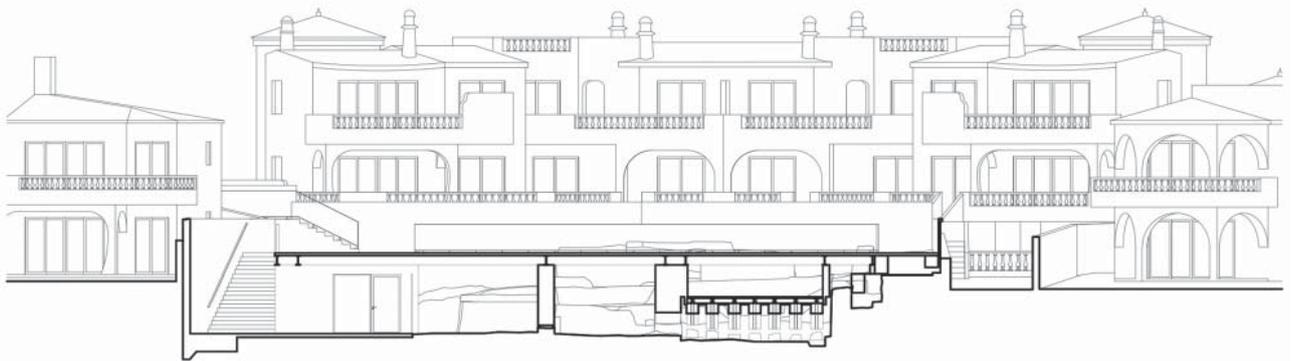
- | | | |
|-----------------------------|---------------------------|----------------------|
| 1. Acesso exterior | 2. Recepção | 3. Espaço expositivo |
| 4. Sanitário de serviço | 5. Arrumo | |
| 6. Zona técnica | 7. Acesso à cota superior | |
| 8. Área de acesso restricto | | |



Fonte: Pedro Alarcão - Arquitectos.

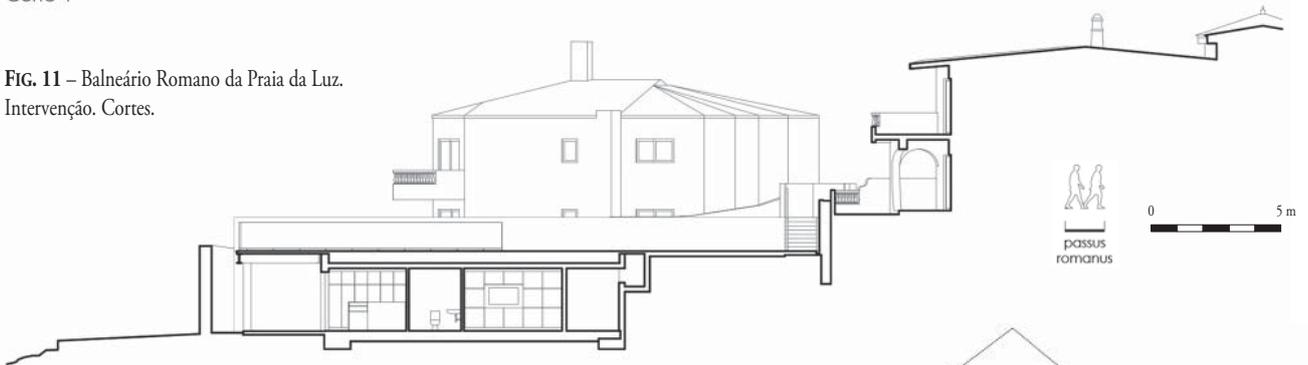


Corte 3



Corte 4

FIG. 11 – Balneário Romano da Praia da Luz. Intervenção. Cortes.

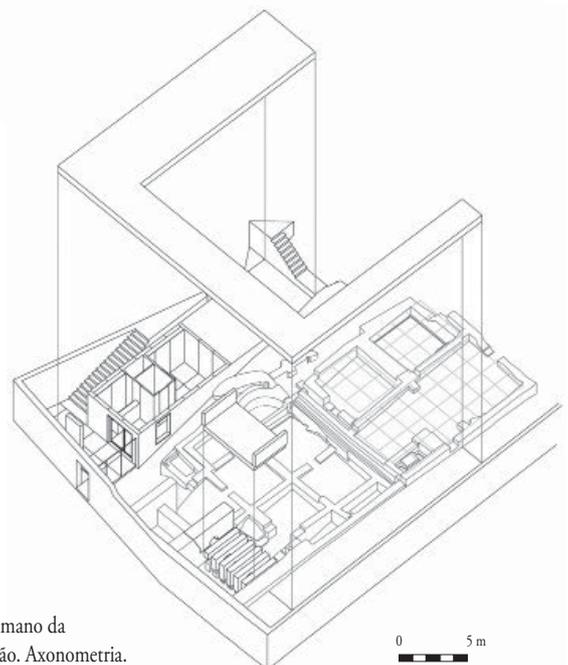


Corte 5

assegurar o aquecimento global do espaço. Com o mesmo sistema ligeiro adoptado para os arcos do *hypocaustum*, são reconstituídos os troços de muros romanos desaparecidos, que se encontrariam sob a estrutura da passarela agora proposta, mas desta vez apoiados nos referidos muros, sempre sobre a camada de geotêxtil que garante a reversibilidade da intervenção.

Foram ainda produzidos por um designer de comunicação suportes diversos de divulgação para acompanhamento à visita, onde se dá a conhecer o edifício termal romano, o seu processo de escavação e a intervenção arquitectónica a que foi submetido (Fig. 12).

FIG. 12 – Balneário Romano da Praia da Luz. Intervenção. Axonometria.



ANFITEATRO ROMANO DE *AMMAIA*

Em São Salvador de Aramenha, Marvão, temos trabalhado desde 2017 em estreita colaboração com a Fundação Cidade de *Ammaia*¹⁰ e surgiu ultimamente a oportunidade de intervir no recém-descoberto anfiteatro romano da antiga urbe¹¹.

Um anfiteatro que se tem vindo a escavar à medida que se desenvolve um projecto de valorização que tem como fim, para além de garantir a conservação e futura fruição pública do monumento, tornar o antigo edifício romano mais inteligível e dotá-lo de novas condições de uso, dadas as suas excelentes condições acústicas e a sua proximidade a Marvão, onde se realiza o Festival Internacional de Música de Marvão. A fase inicial do projecto tem sido acompanhada por uma primeira interpretação do monumento, nomeadamente com uma proposta para o seu traçado geométrico, tendo como base o *pes romanus* da cidade, tendo em conta os 12 *pes* que identificámos para as vias principais do seu traçado hipodâmico; encontrando no caso do anfiteatro a mesma medida, de que são exemplo os três por seis *passus* de largura por profundidade, respectivamente, no seu acesso principal (Fig. 13).

No que diz respeito à conservação do monumento, propõe-se a consolidação e impermeabilização pontual dos muros romanos exumados, assim como a regularização total da superfície da arena, que será revestida a saibro.

Por forma a aumentar os níveis de inteligibilidade da ruína, será promovida uma modelação do terreno, que evocará parcialmente a desaparecida envolvente da *cavea*, e uma reconstituição conjectural pontual de um sector da referida *cavea*. Essa reconstituição, realizada ao centro do eixo longitudinal da arena, permitirá instalar cerca de 450 espectadores com vista privilegiada para Marvão e numa relação equilibrada com a arena, onde ocorrerão eventos de natureza diversa, garantindo o uso pontual do monumento, para além da sua permanente fruição pública. Esta mesma reconstituição, que se interrompe por sectores na sua aproximação ao traçado existente da muralha da cidade romana, deixa em aberto o actual enigma sobre a cronologia e relação entre estas duas estruturas edificadas; realizar-se-á com recurso ao sistema de gabiões preenchidos com pedra local e será integralmente reversível, evocando o método construtivo dos romanos, que preenchiam o interior dos seus muros e taludes com pedra de menor dimensão (Fig. 14). Encontramo-nos perante um caso em que um sistema de construção reversível é absolutamente imperioso, já que novos dados sobre o referido enigma da relação entre a muralha da cidade e o anfiteatro poderão levar a novas opções de projecto (Figs. 15 a 17). 

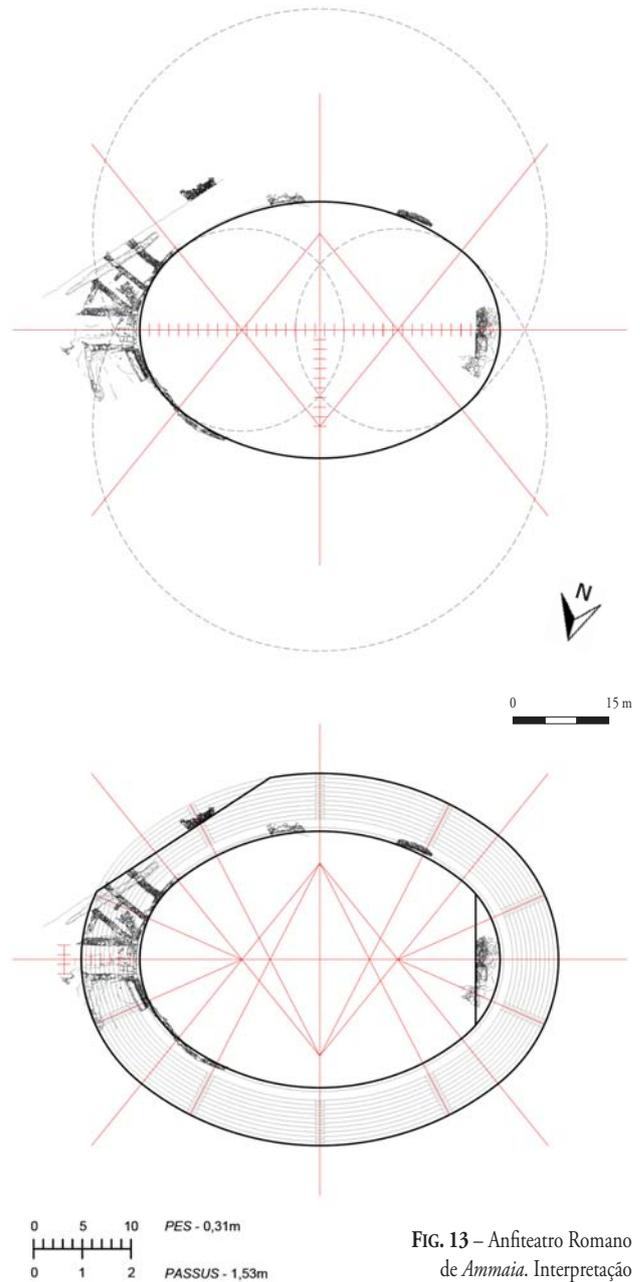


FIG. 13 – Anfiteatro Romano de *Ammaia*. Interpretação geométrica. Planta.

FONTE: Pedro Alarcão - Arquitectos.

¹⁰ Estamos desde 2017 envolvidos em gratificantes projectos de investigação, coordenados pelo Prof. Carlos Fabião, do Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e pela Dr.ª Trinidad Nogales Basarrate, do Museo de Arte Romano de Mérida.

¹¹ Coordenador, para a Arquitectura, do Projecto “A Nova Realidade Patrimonial Transfronteiriça: descobrimento e valorização do anfiteatro de *Ammaia*” (Ref.ª PV19-00014), da Fundação Cidade de *Ammaia* e da Fundación de Estudos Romanos, com coordenação do Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e do Museo de Arte Romano de Mérida, financiado pela Fundação BPI “La Caixa”.

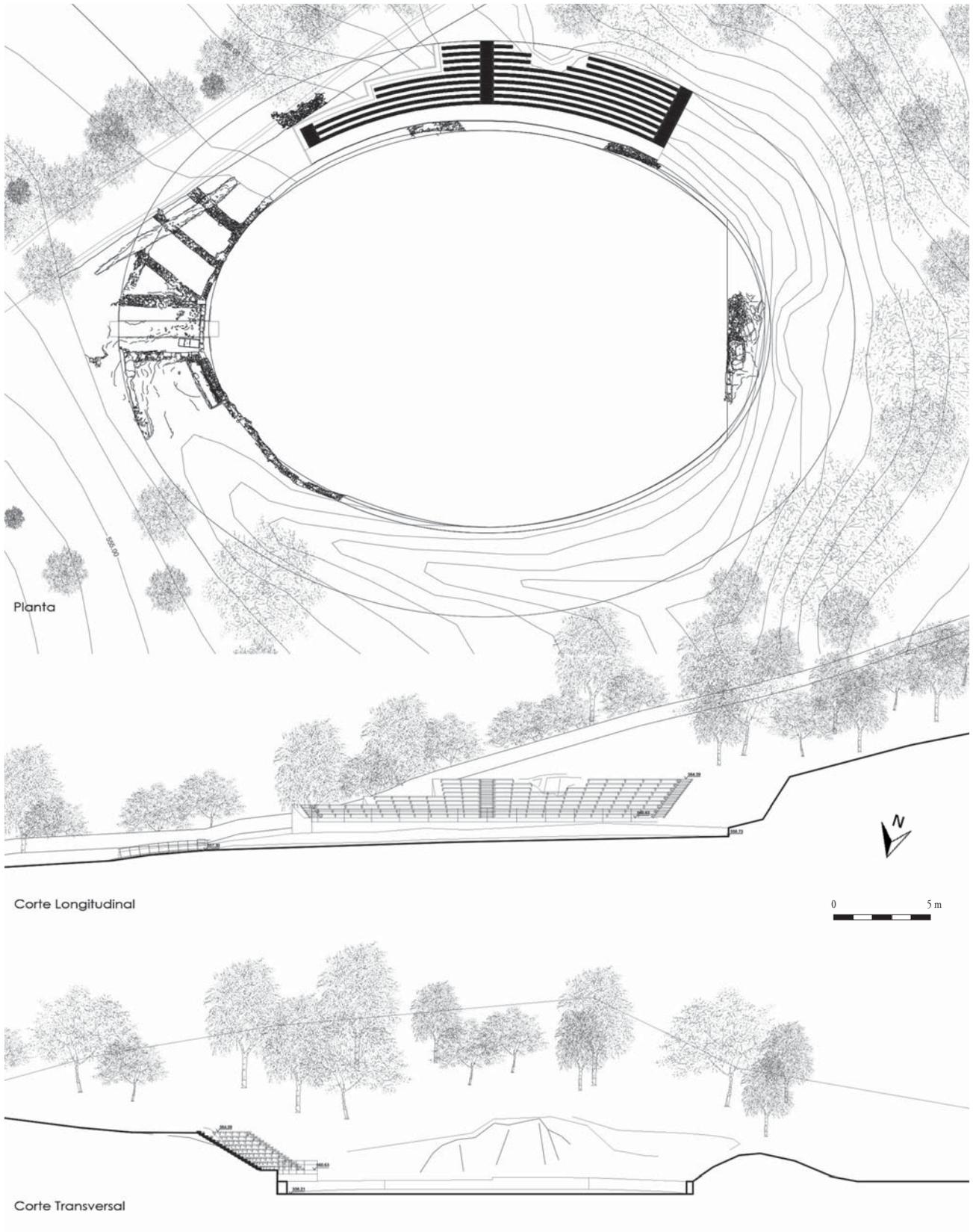
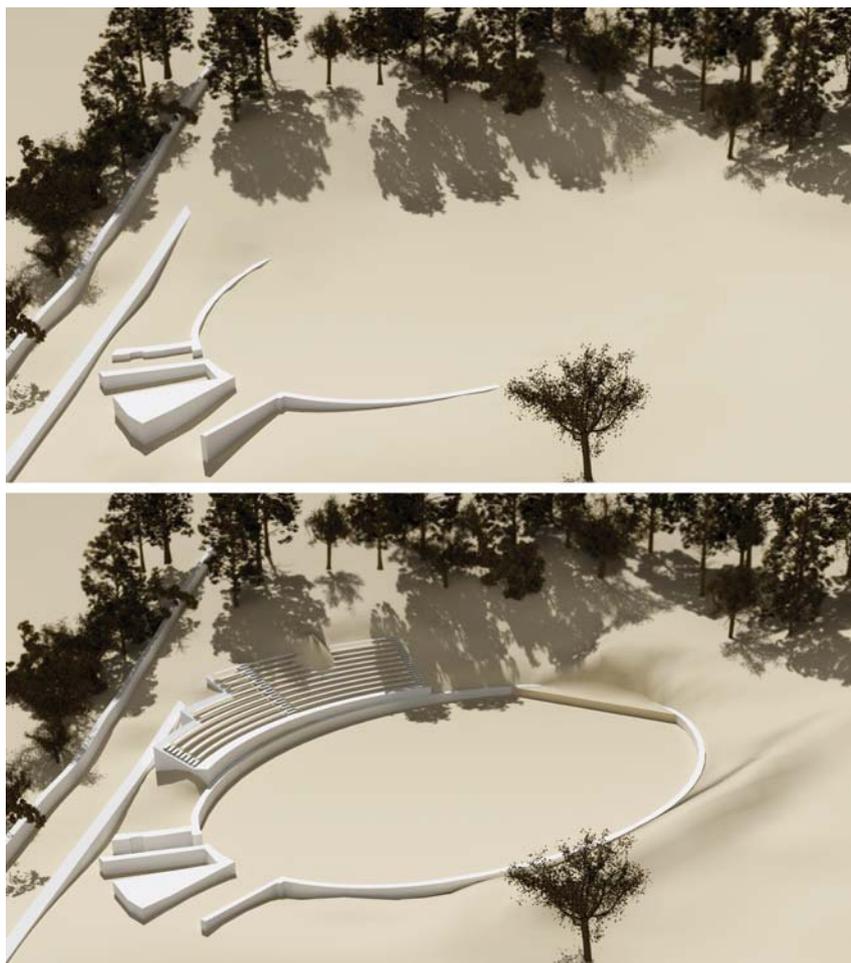
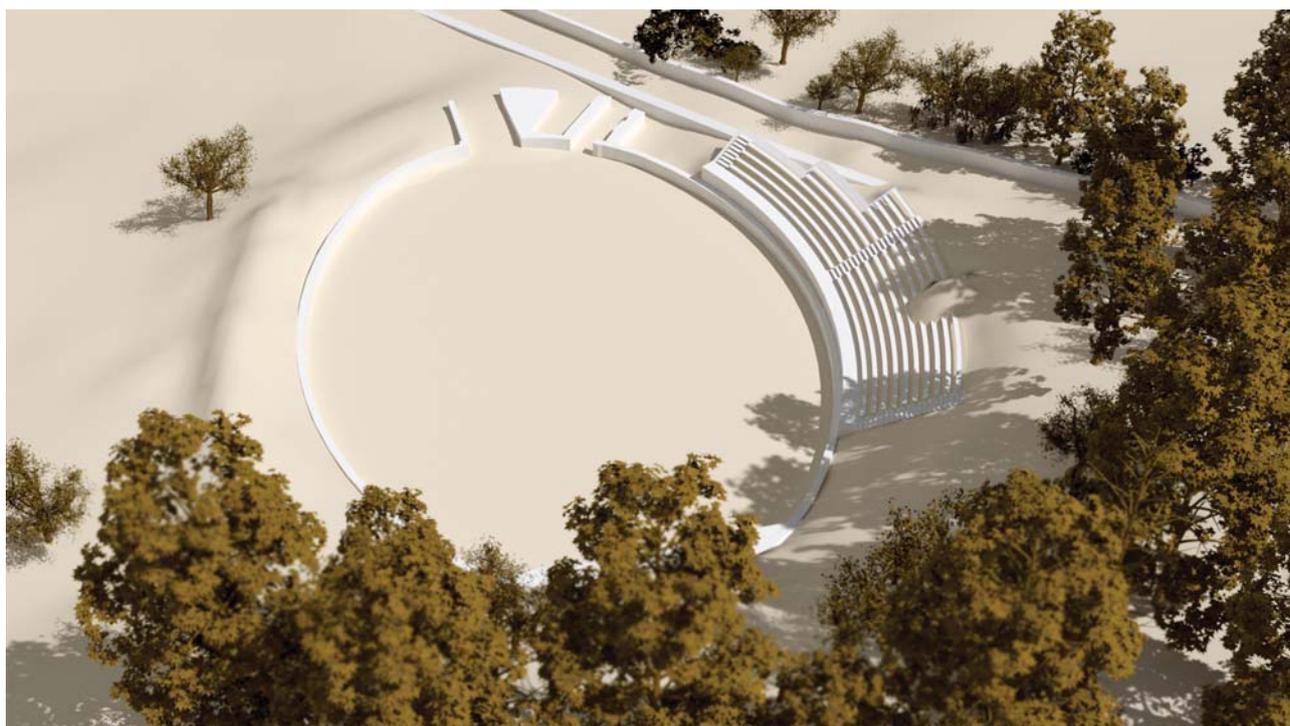


FIG. 14 – Anfiteatro Romano de *Ammaia*.
Intervenção. Planta e cortes.



Fonte: Pedro Alarcão - Arquitectos.

FIGS. 15 A 17 – Anfiteatro Romano de Ammaia.
Intervenção. Simulação 3D.



Fonte: Pedro Alarcão - Arquitectos.

BIBLIOGRAFIA

- ADAM, Jean-Pierre (1989) – *La construction Romaine: matériaux et techniques*. 2.ª ed. Paris: Grands Manuels Picard [1.ª ed. 1984].
- ALARCÃO, Jorge e ÉTIENNE, Robert (1977) – *Fouilles de Conimbriga. I - L'Architecture*. Com a colaboração do Bureau d'Architecture Antique du Sud-Ouest, CNRS. Pau: Jean-Claude Golvin, Joseph Schreyeck e Raymond Monturet. Paris: Diffusion E. De Boccard.
- ALARCÃO, Pedro (2018a) – *Construir na Ruína. Entre a reconstrução e a reabilitação*. Porto: Edições Afrontamento.
- ALARCÃO, Pedro (2018b) – *Conimbriga. Para além da ruína*. Porto: Edições Afrontamento. 2 vols.
- DIAS, Lino Tavares e ALARCÃO, Pedro (coord.) (2011) – *Actas Seminário Internacional de Arquitectura e Arqueologia: Interpretar a Ruína. Contribuições entre campos disciplinares*. Porto: FAUPublicações.
- GOLVIN, Jean-Claude (2005) – *L'Antiquité Retrouvée*. Paris: Edition Errance.
- JONES, Mark Wilson (2003) – *Principles of Roman Architecture*. London: Yale University Press.
- PEREIRA, Paulo (2001) – “Lugares de Passagem e o Resgate do Tempo”. *Património / Estudos*. Lisboa: DGPC. 1: 6-16.
- VITRÚVIO, Marco (2006) – *Tratado de Arquitectura*. Tradução portuguesa M. Justino Maciel. Lisboa: IST-Press [1.ª ed. 1486].